Violência policial marca regresso de Venâncio Mondlane a Moçambique

Miguel Dantas e André Certã – 9 de janeiro de 2025 – Publico

Foi de madrugada, com a promessa de "fazer história", que o candidato presidencial Venâncio Mondlane regressou ontem a Moçambique, após dois meses fora do país durante os quais liderou a contestação aos resultados das eleições de Outubro, ganhas pelo candidato da Frelimo, Daniel Chapo.

À chegada ao aeroporto de Maputo, Mondlane foi recebido por uma multidão que depois o acompanhou e o ouviu proclamar-se "Presidente eleito" de Moçambique. Durante um dos vários discursos que foi fazendo enquanto percorria a capital moçambicana, a polícia que acompanhou o percurso de Mondlane e vigiou de perto os seus apoiantes carregou sobre a multidão com disparos e gás lacrimogéneo, causando a morte de pelo menos três pessoas, segundo a RDP África.

"Se quiserem assassinar-me, assassinem. Se quiserem prender-me, prendam. Sei que, na minha queda, a fúria popular que se vai verificar em Moçambique não terá comparação na história de África e de Moçambique", avisou Mondlane, citado pela Deutsche Welle (DW) à porta do aeroporto internacional de Maputo.

"Disse que vinha para Moçambique e que iria provar que não saí por medo de ser morto. São coisas pequenas, passageiras e que não fazem história. O que a faz é o sacrifício que estás disponível a passar em nome dos outros, da humanidade", disse Mondlane, referindo-se a um ofício que tinha feito "ao Presidente da República".

"O meu regresso não resulta de nenhum acordo político. É uma decisão unilateral", ressalvou o candidato, que lançou fortes acusações às autoridades moçambicanas, falando numa "estratégia" de provocarem um "genocídio silencioso".

"As pessoas estão a ser sequestradas nas suas casas, estão a ser executadas extrajudicialmente nas matas, estão a ser descobertas as valas comuns com supostos apoiantes de Venâncio Mondlane", disse o candidato que, na eleição presidencial, foi apoiado pelo partido Podemos, sublinhando que outro dos motivos do seu regresso foi também proteger quem o apoia.

"Eu acho que não posso estar bem protegido quando o próprio povo, que está no suporte da minha candidatura, está a ser massacrado. Eu estou aqui para testemunhar isso", disse.

Perante a imprensa e a multidão que o recebia, Venâncio Mondlane simulou um juramento no cargo de Presidente de Moçambique, cargo que diz ocupar de forma legítima, contrariamente ao que disse a justiça.

"Eu, Venâncio Mondlane, Presidente eleito pelo povo moçambicano – não pelo Conselho Constitucional, não pela CNE –, juro pela minha honra servir a pátria moçambicana e os moçambicanos", declarou Mondlane.

Depois de deixar o aeroporto, Mondlane percorreu algumas das principais avenidas da cidade, com uma multidão a segui-lo por entre o fumo causado pelo gás lacrimogéneo lançado pela polícia, segundo a DW.

Mondlane discursava no Mercado Estrela Vermelha, na Avenida 24 Julho da capital moçambicana, quando a polícia, que acompanhou todo o percurso de Mondlane pela cidade, carregou sobre a

multidão que o ouvia fazer, novamente, o juramento presidencial, tendo-se ouvido disparos e, de novo, o lançamento de gás lacrimogéneo. Três pessoas terão morrido durante a intervenção da polícia, segundo a RDP África.

À Lusa, dois apoiantes do candidato denunciaram a acção da polícia. "Quando chegámos aqui a polícia veio com rajadas. Mataram um, dois, três. A bala está aqui", disse Nélson Fumo à Lusa, ainda no Mercado Estrela.

“Que nos matem todos, menos o nosso Presidente", disse outro dos apoiantes, Nelson Abrenjare, afirmando que era preciso repor "a verdadeira liberdade". O candidato, segundo contaram fontes próximas à Lusa, "está bem", "em segurança" e hospedado em Maputo.

Mondlane anunciou ainda que o seu regresso ao país marca o início da nova fase de contestação aos resultados das eleições gerais de 9 de Outubro, que denominou de "ponta de lança".

Os confrontos entre polícia e manifestantes já provocaram quase 300 mortos e mais de 500 pessoas baleadas desde 21 de Outubro, segundo organizações da sociedade civil que acompanham o processo.

O Conselho Constitucional (CC) de Moçambique, órgão de fiscalização constitucional do país, fixou a data de 15 de Janeiro como o dia da tomada de posse do novo Presidente, Daniel Chapo, que sucede a Filipe Nyusi, seu companheiro de partido.

A 23 de Dezembro, o CC proclamou Chapo, candidato apoiado pela Frelimo, no poder desde a independência do país, como vencedor da eleição presidencial, com 65,17% dos votos, confirmando também a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar.

O anúncio levou de imediato a novos confrontos, destruição de património público e privado, manifestações, paralisações e saques, mas na última semana, sem novas convocatórias de protestos, a situação normalizou-se em todo o país.

O Supremo Tribunal de Moçambique já afirmou, anteriormente, que não há qualquer mandado de captura emitido para Mondlane na justiça. Mas o Ministério Público abriu processos contra o candidato presidencial enquanto autor moral de manifestações que, só na província de Maputo, terão causado prejuízos, devido à destruição de infra-estruturas públicas, no valor de mais de dois milhões de euros.

(…)

https://www.publico.pt/2025/01/09/mundo/noticia/venancio-mondlane-chega-maputo-fortes-medidas-seguranca-2118128